

O repensar do desenvolvimento humano: uma jornada com diversas narrativas em constante mudança

Este ensaio foi elaborado pelo grupo de direção do projeto e sintetiza as entrevistas e comentários coletados através do projeto do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) junto com o Conselho Internacional de Ciência (CIC) sobre o repensar do desenvolvimento humano. Ele apresenta um enquadramento inicial que visa repensar o desenvolvimento humano por meio de um conjunto de 9 direções interligadas a partir das contribuições recebidas.

1. 30 anos adiante

O Relatório do Desenvolvimento Humano (RDH) completou 30 anos. Desde o lançamento do primeiro RDH em 1990, os autores dos relatórios e uma ampla gama de intelectuais e agências se empenharam arduamente para que a humanidade se tornasse o foco do desenvolvimento econômico e para argumentar que “as pessoas são a verdadeira riqueza das nações”. Ao longo destas três décadas, o conceito de desenvolvimento humano evoluiu e amadureceu, influenciando o debate, a política e a prática na academia, o modo

como as organizações de desenvolvimento medem seu impacto e como os países avaliam seu progresso. O conceito também criou efeitos em cascata ao questionar categorias como países “desenvolvidos”, “em desenvolvimento”, Norte Global e Sul Global, à medida em que o uso generalizado do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) nos permitiu questionar a importância abrangente do crescimento do PIB como única medida de desenvolvimento econômico. Isso abriu as portas para concepções e aplicações mais amplas e universais de desenvolvimento, que surgiram em 2015 com a Agenda 2030 e abrangem as dimensões ecológica, social e econômica do desenvolvimento sustentável.

No entanto, a história dos últimos 30 anos é de um desenvolvimento desigual. Melhorias substanciais na expectativa de vida, acesso a meios de subsistência e maior bem-estar no mundo todo coexistem com pobreza generalizada, perda de poder, níveis inescrupulosos de desigualdade, degradação ambiental massiva e crises de democracia e governança. Além disso, as conquistas do desenvolvimento foram impulsionadas por economias movidas a combustíveis fósseis, agricultura industrial, desmatamento e deslocamento de populações indígenas, o que criou uma situação de emergência climática, erosão de ecossistemas e extinções em massa que já levou a perdas nas conquistas de desenvolvimento humano. Essa história também foi de uma compreensão desigual do significado pleno do desenvolvimento humano como ele foi vislumbrado por seus fundadores, Mahbub ul Haq e Amartya Sen.

As últimas três décadas também trouxeram grandes avanços na ciência e tecnologia, permitindo a ocorrência de mudanças rápidas junto com o surgimento de novas ideias sobre o significado do florescimento humano e as escalas que compõem as diferentes dimensões do desenvolvimento humano — o indivíduo e as circunstâncias sociais, culturais, políticas, ambientais e socioeconômicas da vida individual.

Agora está claro também que qualquer abordagem de desenvolvimento deve levar em conta o ciclo de vida do indivíduo — desde a concepção até a idade adulta e a morte —, o papel central das influências intergeracionais e a amplitude de identidades diversas que forjamos ao longo do tempo. Devemos também reconhecer a imensa variação no modo como essas influências são expressas entre as diferentes culturas e o dano psicológico que a perda da identidade cultural causa. Os elementos sociopolíticos — como a democracia, as instituições e a coesão social — e as dimensões ecológicas e técnicas são fundamentais para oferecer o ambiente propício para a nossa humanidade.

Novos insights sobre o desenvolvimento individual, o bem-estar mental e as perspectivas evolutivas sociais e biológicas relacionadas à saúde e às doenças humanas levam a novas

maneiras de compreender nossa própria humanidade, o funcionamento do cérebro humano e as mudanças do comportamento humano. Esse conhecimento nos proporciona uma compreensão mais fértil das características que nos tornam humanos e tem influenciado o rápido surgimento de tecnologias inteligentes.

Novas formas de conectividade e comunicação estão reformulando as sociedades humanas e as formas como seus significados e valores são constituídos e expressos, alterando as configurações de poder e voz. Apesar de seus muitos benefícios, essas tecnologias também têm permitido a desinformação e a manipulação de fatos, contribuindo para desequilíbrios de poder e polarização social. Há evidências crescentes de que essas tecnologias podem ter impactos de modos desiguais na saúde mental, no desenvolvimento do cérebro e nas relações sociais. No entanto, o impulso para a democracia e a capacitação das pessoas permanece inabalável, ainda que não concretizado muitas vezes, visto que um processo inclusivo de tomada de decisões políticas e econômicas ainda não faz parte da realidade de muitas pessoas. Os avanços nos direitos e na justiça e o fim da discriminação relacionada a gênero, raça, crença ou origem são graduais, e frequentemente encontram resistência. A consciência ambiental chegou às diretorias de grandes empresas; as tecnologias e o impulso para a criação e adoção de energias renováveis e um futuro com neutralidade de carbono estão mais fortes do que nunca. No entanto, as mudanças climáticas e ambientais negativas persistem. Destacando essas profundas contradições, um número cada vez maior de protestos das mais diferentes matizes — de greves juvenis pelo clima a marchas contra a injustiça racial e de gênero — clamam por mudanças no mundo todo. 2030 será um momento crítico para avaliar se o mundo está no caminho para cumprir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), incluindo uma trajetória sustentável e equitativa para estabilizar o clima enquanto atende às necessidades das gerações atuais e futuras.

O 30º aniversário do Relatório de Desenvolvimento Humano coincide, portanto, com uma época de desafios profundos e oportunidades imensas. Sem dúvida, chegou a hora de fazer uma revisão crítica do conceito. Conforme articulado na peça de enquadramento do projeto inicial produzida pelo Grupo de Coordenação do Projeto, é um momento para refletir sobre a evolução do panorama e das expectativas — um panorama que é globalizado, impulsionado pela tecnologia e extremamente prejudicado por desigualdades crescentes e múltiplas, medidas fiscais que ameaçam a satisfação de necessidades básicas, sociedades fragmentadas e mudanças ambientais — e fornecer uma estrutura conceitual que oriente a análise, a medição e a tomada de decisões para apoiar o cumprimento dos ODS.

Este artigo de discussão sintetiza as contribuições de uma ampla gama de atores para este projeto e articula o repensar de nossas próprias ideias iniciais. Ele não tem como objetivo fornecer um resumo da abundância de pontos de vista que coletamos; incentivamos os leitores a se envolver com cada contribuição individual. O repensar do desenvolvimento humano não pode ser meramente um exercício acadêmico isolado. É um processo que requer diálogo — uma jornada em direção a novos entendimentos que escuta uma ampla diversidade de vozes de profissionais e de públicos mais amplos. Nosso objetivo com este artigo é criar uma base para orientar esse processo, articulando as principais direções de pensamento, ideias essenciais para informar a elaboração de uma compreensão comum da noção de desenvolvimento humano e, possivelmente, uma base comum para decidir como aprimorá-lo e medi-lo. Estamos cientes de que os insights obtidos por meio deste projeto representam um conjunto limitado de pontos de vista — principalmente de cientistas e pesquisadores — e que o repensar do desenvolvimento humano deve incluir muitas outras vozes. O insight mais fundamental que emergiu do processo é que *não existe uma narrativa única do desenvolvimento humano, mas sim múltiplas narrativas que mudam ao longo do tempo*. Como caminhantes que seguem as placas na estrada, pegamos as ideias que surgem em nossas conversas e criamos pontos de conexão que nos mostram os caminhos que devemos seguir em nossa jornada.

2. Nove direções interconectadas para repensar o desenvolvimento humano

Propomos nove direções interligadas para orientar o processo de repensar o desenvolvimento humano. De forma interconectada e sistemática, esses nove aspectos abordam as dimensões econômica, social, cultural, institucional, tecnológica, ecológica e política da jornada proposta para repensar o desenvolvimento humano. Temos um cuidado especial para desvendar as características que compõem o ser humano do ponto de vista da psicologia, da medicina e da biologia evolutiva, dedicando atenção ao ciclo de vida de pessoas, mentes e corpos, mas também ao papel central de muitas formas diferentes de identidade, cultura, normas, valores e crenças. Sabemos que o enquadramento apresentado aqui e as direções que escolhemos mudarão e evoluirão à medida em que o mundo busca orientação e significado em prol de um futuro sustentável para todos. Reconhecemos que essas orientações gerais terão significados diversos e específicos para diferentes pessoas e grupos — portanto, elas servem de referência tanto para o diálogo quanto para afirmações definitivas. Esperamos que elas sirvam como base para extrair novos insights que se apliquem não só aos desafios de hoje, mas que iluminem os desafios imprevistos do amanhã.

2.1. Um novo começo para repensar o significado do desenvolvimento

Queremos começar fazendo algumas reflexões sobre o termo “desenvolvimento”. O projeto do PNUD e do CIC sobre O Repensar do Desenvolvimento Humano provocou uma discussão com diversos participantes, cujos insights apresentam um tema recorrente: o termo *desenvolvimento* é carregado de história, valores, política e ortodoxias. Conforme destacado por muitos dos participantes desta consulta, isso impede o pensamento criativo e disruptivo — portanto, é necessário reformular a forma como o termo é entendido. O termo não só carrega o peso de uma história no qual o Norte Global subjugou o chamado Sul Global por meio dos processos de imperialismo, colonialismo e seus disfarces modernos; Ele também se enraizou em ideias e ideologias que obscurecem elementos importantes, como o valor da vida interna das pessoas ou o papel das relações de poder na perpetuação da pobreza e da vulnerabilidade. Esses elementos também se espalharam no Norte Global, levando a relações complexas entre nações e povos. As narrativas economicistas dominantes e as métricas agregadas associadas ao conceito preponderante de *desenvolvimento* ocultam aspectos importantes das experiências e aspirações de indivíduos e sociedades, e as condições que permitem ou impedem que nossa humanidade prospere. Essas características costumam ser transmitidas à ideia muito diferente de desenvolvimento humano. Um primeiro indicador emerge dos insights que recebemos: a reflexão sobre o escopo do repensar que é necessário para abrir espaço para debater o significado do desenvolvimento humano no contexto atual — e evitar ficar preso às histórias do desenvolvimento no contexto da *ajuda ao desenvolvimento*.

Vários entrevistados destacaram que um novo começo para repensar o desenvolvimento exige que evitemos a história carregada e estreita do termo e complementar seus outros significados. Isso pode nos levar a um termo alternativo que não tenha o peso dessa bagagem histórica. Alguns colaboradores apontaram para a busca de histórias alternativas do termo que emergem da biologia evolutiva e da psicologia social. Outros apontaram seu significado distinto na medicina e nas ciências humanas, nos quais o desenvolvimento é uma das etapas do ciclo da vida — desde a concepção até o nascimento, a infância, a idade adulta, a velhice e a morte. É claro que uma série de fatores podem atuar sobre o indivíduo, principalmente no início da vida, de modo a afetar seu desenvolvimento biológico, psicológico e comportamental e ter consequências de longo prazo para sua saúde, seus relacionamentos e sua capacidade de contribuir para a economia. No entanto, esses fatores também podem ser diretos, como trauma ou desnutrição, ou indiretos, por meio da família, sociedade, meio ambiente e economia. De certa forma, o indivíduo pode ser visto no centro de um “anel de cebola” em expansão, composto pela família, a família

estendida, a comunidade, a sociedade, a nação, a região e o mundo — e tudo isso afeta o indivíduo direta ou indiretamente. Além disso, os fatores operacionais podem ser humanos, sociais, tecnológicos ou ambientais.

Os desenvolvimentos de outros colaboradores simplesmente nos lembraram da conotação que o termo tem como um processo de mudança. Algo que está se desenvolvendo está mudando de um estado para outro. Como a crisálida que nutre a borboleta, um processo de mudança pode resultar em algo belo. Contudo, o desenvolvimento também pode ser algo ruim, já que o termo é usado no dia a dia para descrever, por exemplo, uma má sequência de eventos. Em ambos os casos, o desenvolvimento significa mudança, que pode ser incremental, transformativa, linear, complexa, positiva ou negativa, emaranhar-se com relações de poder e gerar vencedores e perdedores.

Na psicologia social, o desenvolvimento significa uma mudança em direção a alguma forma de maturidade — uma evolução ontológica. Quando aplicado junto com o adjetivo “humano”, a história do desenvolvimento humano é tão longa quanto os milênios de evolução da espécie humana, mudando e evoluindo, criando e dependendo das condições autocriadas da existência humana.

O desenvolvimento também está relacionado a mentalidades e crenças, sendo ao mesmo tempo mecanismo e alvo da mudança e de pontos de vista. Além disso, o termo tem conotações morais, culturais, espirituais e religiosas que foram bem captadas pelos criadores do desenvolvimento humano no contexto do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas, conforme descrito na próxima seção. O desenvolvimento nunca tem valor neutro; ele é sustentado por valores e princípios que precisam ser defendidos e orientar e nutrir processos de mudança. Neste sentido de avanço espiritual e orientado por valores, os contribuintes nos lembram que o desenvolvimento tem sido associado frequentemente ao reconhecimento do outro, à descentralização do ego e à inclusão de outros, incluindo naturezas não humanas e todos os seres vivos em nossa busca por bem-estar e progresso. Em última instância, o desenvolvimento está ligado à empatia e ao altruísmo — ou seja, ter um senso cooperativo de cuidar de tudo e todos que não sejam nós mesmos, mas que estão enredados em nossos próprios processos de mudança.

Ao enriquecermos nossa visão de desenvolvimento com significados seculares de processos de mudança nos mundos naturais e sociais — uma jornada longa e repleta de terrenos diferentes —, podemos ajudar a afastar as conotações problemáticas do termo e avançar em direção a uma visão mais “descolonizada”. Na verdade, as conotações mais estreitas do desenvolvimento, focadas no apoio, se acumularam em um período comparativamente

muito curto e, portanto, são indiscutivelmente menos evoluídas e menos significativas. Ainda assim, pode ser mais difícil abalar essas conotações, pois elas se encontram incorporadas a importantes instituições globais e relações de poder. Rastrear, questionar e desafiar essas relações de poder é essencial para abrir espaço para diálogos mais ricos e novas direções.

2.2. Um repensar visionário de nossa humanidade

O objetivo abrangente e original do conceito de desenvolvimento humano era colocar os humanos no centro do desenvolvimento e destronar a avaliação de pessoas e países por um único indicador destinado a medir a produção econômica. A profundidade da ideia e o verdadeiro valor do conceito era criar um movimento baseado em um pensamento visionário. O desenvolvimento humano estava relacionado à expansão das liberdades humanas, permitindo que *as pessoas vivam as vidas que têm motivos para valorizar*. A maioria das definições de desenvolvimento humano dos colaboradores giram em torno dessa ideia, talvez expressa com palavras diferentes; muitas delas se concentram na definição de parâmetros para nosso bem-estar, apontando que nosso bem-estar deve ser responsável para com os outros ou ciente dos limites do planeta. Mas, no fundo, o significado definitivo do desenvolvimento humano é a liberdade: *o desenvolvimento como liberdade* era o significado original do desenvolvimento humano há 30 anos.

Expressamos esse significado original do desenvolvimento humano no pretérito para transmitir que ele pode simplesmente ter sido perdido. Muitos contribuidores apontam a necessidade não só de revitalizar o foco humano original dos RDHs e as tradições intelectuais visionárias das quais o conceito de desenvolvimento humano emergiu no final dos anos 1980, mas também de aprofundar essa centralização humana e garantir que ela se traduza adequadamente em políticas e decisões, em vez de ser vista exclusivamente como algo simplificado e agregado em medidas ou metas.

Um elemento importante da nossa jornada para repensar o desenvolvimento humano é manter essa visão viva e sua abundante base intelectual amadurecida ao longo do tempo pelos teóricos da abordagem de capacidade.

No entanto, nosso mundo está em constante mudança e exige que expandamos o repensar do desenvolvimento para repensar também nossa humanidade. Devemos ir além da aspiração de destronar a ideia de produção econômica como bem-estar e nos aprofundarmos nas condições que nos tornam humanos. Fazemos isso enriquecendo o conceito de desenvolvimento humano com tudo o que aprendemos nas últimas décadas

sobre nossa biologia e psicologia, a vida interior dos seres humanos, as fontes de nossa resiliência, a forma como o cérebro ou as emoções afetam nosso senso de autoestima, a forma como as relações sociais com a família, amigos e outras pessoas criam (ou destroem) nossa humanidade e como a solidariedade nos torna melhores e mais felizes.

É fundamental também reconhecer como nossa humanidade é definida em conjunto por nossas interconexões com naturezas não humanas e nosso lugar no universo, acolhendo organicamente o ambiente natural. Em nossas conversas, escutamos várias vezes que o repensar da nossa humanidade inclui reconhecer — para nosso bem-estar individual e coletivo — nosso senso de conexão com o ambiente natural e todas as formas de vida ao redor de nós, do planeta e do universo. O senso de conexão entre as sociedades em ambientes multiculturais e o senso de conexão criado por redes transnacionais que levam a uma comunidade global de humanos são elementos fundamentais do desenvolvimento humano no século XXI .

Repensar nossa humanidade a partir dessa perspectiva relacional também tem dimensões operacionais. A relacionalidade foi um elemento-chave já apontado em nosso enquadramento inicial. Sem uma concepção mais relacional do indivíduo ou sem coesão social e mesmo socioecológica, não podemos resolver os problemas que nos ameaçam. Os humanos evoluíram como animais sociais que dependiam da cooperação dentro do grupo identificado do indivíduo. Regras, crenças, comportamentos e costumes evoluíram para sustentar essa cooperação. Nossa resiliência depende da resiliência dos outros, e indivíduos e sociedades saudáveis dependem de um planeta e de ecologias saudáveis. Isso significa que, para repensar nossa jornada de desenvolvimento, precisamos torná-la menos centrada no indivíduo e mais relacional, mais centrada no sistema. O eu individual — mente, corpo e espírito — é um elemento fundamental de qualquer sociedade saudável, mas nossa natureza como seres sociais significa que devemos evitar as armadilhas do individualismo exclusivo.

Esse repensar da nossa humanidade direciona nossa jornada para desenvolver ainda mais nossa noção do que é ser humano em uma época de catástrofe climática iminente, mas também em uma época em que a tecnologia pode enfraquecer nossa humanidade ao afetar nossa autonomia e capacidade de ação. Em muitas sociedades, a tecnologia já está afetando o modo como os indivíduos se comportam, como formam suas relações emocionais e redes sociais, como funcionam, como entendem o mundo e formam suas opiniões e ações — e tudo isso está sujeito a muita manipulação.

A tecnologia expandiu nossa conectividade. Contudo, ao fazer isso, alguns relacionamentos físicos são substituídos por conexões virtuais de maneiras que afetam as percepções

das pessoas sobre o mundo. Neste mundo em constante mudança, há cada vez mais identidades confusas e uma diminuição considerável do bem-estar mental. Isso acontece em função das identidades confusas que temos agora e que não tínhamos em comunidades mais simples e conectadas fisicamente.

Estudos sobre a carga global de doenças destacam a crescente importância do bem-estar mental e o rápido aumento da ocorrência de doenças mentais em todas as sociedades. O bem-estar mental e o desenvolvimento humano estão intimamente ligados. O bem-estar mental é algo mais do que a mera ausência de uma doença mental diagnosticável; É um estado em que o pensamento e os processos emocionais permitem que alguém atinja seu potencial ideal. Muitos fatores contribuem para a prevalência crescente de uma perda de bem-estar mental, incluindo perda de coesão social, perda de confiança nas instituições sociais, mudanças demográficas e econômicas, conflitos, mudança de expectativas em um mundo extremamente complexo, mudanças repentinas e o surgimento do ambiente digital.

As pesquisas médicas e psicológicas estão mostrando a importância de uma abordagem que leve em conta o ciclo de vida das pessoas para compreender o surgimento da resiliência psicológica diante de mudanças repentinas. Essa resiliência é essencial para um bem-estar mental perene. Os alicerces surgem nos primeiros anos de vida e são reforçados nos anos escolares. Embora se saiba muito sobre quais condições têm maior probabilidade de auxiliar seu desenvolvimento, essas condições permanecem tristemente deficientes para muitas crianças. Se as pessoas não têm resiliência psicológica, bem-estar mental e autoestima, o desenvolvimento humano não está sendo alcançado para elas.

Estamos realmente protegendo nossa humanidade quando os modelos de desenvolvimento e as concepções de progresso destroem o sustento de nossas vidas, o ambiente natural do qual dependemos ou outros seres vivos? O uso generalizado de tecnologias, em especial as digitais, corre o risco de alterar nossas personalidades e transformar a maneira como nos relacionamos uns com os outros em relações distantes, controladas e mediadas pela tecnologia? Estamos aproveitando todo o potencial positivo de usar as tecnologias para aprimorar nossas liberdades e habilidades em um ambiente aberto, transparente e seguro? Por um lado, precisamos mudar o comportamento. Por outro lado, precisamos reafirmar a lógica humana de modo que ela prevaleça sobre a lógica cada vez mais dominante das máquinas. A lógica da IA ou de big data é uma lógica de quantificação que pode aprofundar ainda mais a agregação, a quantificação e a dataficação que, para muitos, afogou o conceito de desenvolvimento humano em um único indicador, como o IDH. Uma humanidade facilitada pela tecnologia pode descartar

todas as características que não são quantificáveis, como emoções humanas, sentimentos, mentalidades, princípios religiosos ou valores éticos. Precisamos de todos esses traços para reafirmar nossa humanidade e reconhecer a humanidade dos outros:

2.3. Fortalecimento das instituições e da responsabilização

As dimensões internas do desenvolvimento humano sempre foram uma característica central e, para muitos, devem constituir o cerne do conceito, mas devemos evitar confundir a importância das dimensões internas de nossa humanidade com o policiamento das mesmas. Alguns colaboradores destacaram que, para ser eficaz e poder ser implementada em estruturas políticas, a jornada para repensar o desenvolvimento humano deve evitar o erro categórico de sugerir que as dimensões internas dos seres humanos são de âmbito público.

Conforme elaborado claramente pela obra de Amartya Sen e talvez com muito mais clareza na obra de Martha Nussbaum, a tarefa das instituições é criar as estruturas sociais que facilitem a expansão das capacidades das pessoas. As instituições são necessárias garantir as condições que permitam que a vida das pessoas floresça — e prestar contas dessa responsabilidade. Lidar com as fragilidades da natureza humana e explorar seu potencial são coisas que só podem ser apreciadas plenamente a partir de uma perspectiva ética. As instituições e os mecanismos de responsabilização devem apoiar e facilitar as lutas da humanidade por autonomia, capacidade de ação, autoconsciência, empatia, cooperação e solidariedade. Este é o verdadeiro sentido do desenvolvimento como liberdade.

As instituições e a responsabilização também são vitais para operacionalizar o desenvolvimento humano como liberdade, promover o bem comum, resolver desafios globais complexos, proteger e defender os vulneráveis e dar voz aos marginalizados e discriminados e aos direitos das gerações futuras. As instituições devem trabalhar em prol da humanidade. Entretanto, o mundo também pode precisar de novas instituições para proteger todos os elementos não humanos que possibilitam a existência da humanidade — sistemas socioecológicos funcionais, incluindo o clima e a biodiversidade — e para enfrentar os desafios das rápidas mudanças tecnológicas. Além disso, as medidas necessárias para nos adaptarmos aos impactos inevitáveis das mudanças climáticas e implementarmos as estratégias de mitigação necessárias para evitar rupturas catastróficas só seriam possíveis com instituições responsáveis que criassem os incentivos necessários. Esses incentivos exigem que instituições internacionais, transnacionais e globais orientem o mundo para a ação coletiva ao combater o nacionalismo agressivo, revitalizar

o multilateralismo e garantir que as responsabilidades globais sejam assumidas na abordagem dos desafios globais.

O que fazemos ou deixamos de fazer agora tem consequências irreversíveis para as gerações futuras. Afinal, nenhuma visão da humanidade é possível sem que seja equilibrada com os processos de apoio à vida do planeta, que sustentam as capacidades humanas e permitem que a espécie prospere. Precisamos de instituições que apoiem três grandes revoluções morais e organizacionais: a responsabilidade de estabilizar o clima e restaurar a saúde do planeta; justiça global para garantir uma transição justa que não deixe ninguém para trás; e mudanças nos mapas mentais e nas estruturas normativas que nos guiam para o imperativo moral encapsulado no desenvolvimento humano.

2.4. O desenvolvimento humano só é possível dentro dos limites do planeta

O desenvolvimento como liberdade só é possível se levarmos em conta os sistemas planetários de apoio à vida — que agora são frequentemente conceituados como fronteiras planetárias. Esta mensagem foi repetida em diversas formulações pela maioria das contribuições. Houve muitas indicações óbvias dos motivos pelos quais as ideias atuais de progresso e desenvolvimento ameaçam a estabilidade do planeta e, portanto, nosso próprio bem-estar. O domínio generalizado de uma lógica de extração, consumismo, concepções materialistas da vida próspera e o descarte do futuro comum presentes em várias abordagens econômicas aparecem como os motivos principais. A lógica exclusiva do mercado de produção, consumo e finanças não só desincentiva o surgimento de alternativas, como impede a contabilização e mensuração adequadas dos custos reais de produção e consumo, além de ocultar os custos para as necessidades sociais e ambientais. Os danos ambientais e os cuidados sociais permanecem fora das decisões comerciais.

Várias críticas às deficiências do atual IDH se referem à sua incapacidade de medir o impacto ecológico da produção e do consumo de bens e serviços e das políticas e comportamentos que prejudicam nosso planeta. Ao deixar de contabilizar os danos ecológicos, o IDH não contabiliza diretamente esses custos — o que cria pontos cegos, como se o desenvolvimento humano pudesse ser dissociado do ambiente natural. É a mesma lógica que oculta o custo-benefício e os valores da assistência social. Ao equilibrar o desenvolvimento humano com o planetário, as economias avançadas assumem responsabilidades históricas e éticas únicas.

Enfrentamos um dilema. Por um lado, o valor material e não-material das naturezas e ecologias não-humanas está no cerne de visões alternativas de progresso e

desenvolvimento associadas a vários conhecimentos autóctones e estilos de vida tradicionais, que muitas vezes são ecologicamente equilibrados. Por outro lado, embora muitos movimentos ambientalistas surjam de populações vulneráveis, as preocupações são frequentemente descritas como pertencentes àqueles que já têm suas necessidades humanas atendidas — preocupações de elites acomodadas e instruídas. As necessidades humanas devem continuar no cerne do desenvolvimento humano — mas devem também integrar as necessidades dos sistemas ecológicos e dos processos de apoio à vida no planeta. Não podemos mais considerar as necessidades humanas e o ambiente natural como questões diferentes.

A tendência de fazer com que o desenvolvimento econômico esteja em confronto com o meio ambiente levou o mundo a um beco sem saída. É hora de entrelaçá-los, assim como nossa humanidade está entrelaçada com a saúde das naturezas não humanas e, em última instância, do planeta. O bem-estar responsável exige que nós nos conscientizemos das implicações do consumo, da responsabilização e das maneiras de levar em consideração os interesses das gerações futuras. O bem-estar responsável para as pessoas e o planeta implica internalizar os custos ambientais e sociais no verdadeiro valor dos bens e serviços. Trata-se de conceituar os sistemas que sustentam a humanidade como sistemas socioecológicos ou socionaturais, e o desenvolvimento como uma mudança positiva nesses sistemas.

Isso também sublinha a importância de uma concepção universal de desenvolvimento que se estenda a todas as sociedades. O objeto de estudo do desenvolvimento tem sido frequentemente o Sul Global, ou às vezes setores pobres de países de alta renda. Se quisermos comemorar mais 30 anos de desenvolvimento humano, nossa atenção deve se estender a todas as sociedades e ao comportamento dos cidadãos que já alcançaram altos níveis de desenvolvimento humano com as medidas tradicionais. O desenvolvimento humano não pode mais significar tornar-se como os países de alta renda em termos de crescimento do PIB e das conquistas em saúde e educação.

Este é o verdadeiro desafio. O repensar do desenvolvimento humano requer encarar as enormes dificuldades, mas também as oportunidades, que as economias de alta renda e mais industrializadas têm para se tornarem mais sustentáveis — mudando suas economias extrativas e combatendo a evasão fiscal e culturas ambientalmente destrutivas. Os verdadeiros desafios para a sustentabilidade do desenvolvimento humano são a eliminação da dependência de trajetórias de alto impacto ambiental e a redução das emissões. Somente assim poderemos nos alinhar com o Acordo de Paris, as metas de biodiversidade

e todos os ODS. Outro indicador em nossas múltiplas jornadas é que essas dependências de trajetória são criadas e reforçadas por uma falta de coesão social e grandes desigualdades, perpetuadas por dinâmicas de poder entrincheiradas.

2.5. A mitigação da desigualdade e da coesão social são não só facilitadores, como também pré-requisitos para o desenvolvimento humano

Sem dúvida, nossas jornadas devem dar um papel central a um desafio destacado por quase todos os colaboradores. Os níveis atuais de desigualdade e a falta de coesão social dentro dos países e entre eles são um grande desafio para operacionalizar o conceito de desenvolvimento humano e implementar as medidas necessárias. A ausência de coesão social — entendida não apenas como solidariedade, mas também como prevenção da marginalização, discriminação, racismo, xenofobia e altos níveis de desigualdade — impede a operacionalização de uma versão mais humana, com maior consciência ambiental e mais responsável do progresso humano que emerge dos primeiros indicadores em nossa jornada (elaborados nas seções anteriores). A má informação e a desinformação, potencializadas pela tecnologia, podem aumentar a polarização e minar a coesão. As grandes desigualdades de riqueza, poder, voz e representação desencorajam o debate aberto sobre o significado de progresso e desenvolvimento, poluem instituições, impedem a responsabilização e geram narrativas autojustificatórias para a lógica sem fim de extração e exploração das pessoas e do planeta. O repensar do desenvolvimento humano requer que a abordagem das desigualdades seja colocada no centro do palco, reconhecendo a existência das diversas formas de desigualdade — não apenas econômicas, mas também sociais, culturais, políticas, espaciais, ambientais e de conhecimento — e como elas se correlacionam.

Muitos colaboradores apontaram como as desigualdades impedem que os interesses das pessoas comuns e do bem-estar comum, incluindo os das gerações futuras, tenham o peso que merecem. A falta de coesão social inibe as pessoas de saírem do próprio ego e abraçarem a felicidade, as alegrias, os medos ou o sofrimento dos outros. Para quem entende o desenvolvimento como a liberdade de amar, as desigualdades transformam todos nós em seres incapazes de amar e de valorizar a saúde do planeta que nos sustenta. Não podemos alcançar o consenso necessário para dar conta do verdadeiro valor do bem-estar do planeta quando as sociedades estão fragmentadas, a tessitura social é dilacerada e os elos sociais são destruídos pela ganância, inveja, medo, desconfiança e raiva.

Um dos principais problemas são as narrativas de justificativas para as desigualdades, marginalização, discriminação, poder financeiro e econômico e, em muitos casos,

corrupção e violência. Elas então se transformam em ferramentas para manipular debates públicos, alocações orçamentárias e prestação de serviços para sustentar e perpetuar as desigualdades atuais. A concentração do poder econômico, político e social nas mãos de poucos sustenta e legitima as desigualdades, uma vez que as poderosas elites e os poderes patriarcais têm pouco incentivo para desafiar o status quo. O fracasso da solidariedade se traduz no fracasso em criar os arranjos sociais necessários para as prioridades de desenvolvimento humano.

Em vez disso, queremos que as desigualdades sejam reduzidas e que a coesão social seja estimulada e capacitada. Sem ambos, o desenvolvimento humano não é realmente possível. Muitos dos insights que recebemos para repensar o desenvolvimento humano apontaram que as crises de saúde e socioeconômicas da pandemia de COVID-19 revelaram as desigualdades — a crise afeta a todos, mas não de modo igual. A pandemia também oferece um exemplo claro da correlação entre as desigualdades e a ausência de resiliência social e individual.

Por que sabemos que este é um papel importante para uma sociedade forte e coesa? Precisamente porque o mundo oferece muitos exemplos de comunidades que se unem para trabalhar juntas para resolver problemas e aprimorar os meios de subsistência, apoiar os fracos e vulneráveis e organizar-se de baixo para cima para preencher a lacuna deixada pelas falhas políticas e o individualismo do mercado. De fato, muitos grupos comunitários e de bairro fizeram isso durante a pandemia de COVID-19. Sabemos que a equidade e a coesão social são pré-requisitos para o desenvolvimento humano, pois a luta contra a marginalização e a discriminação é unificadora. Além disso, quando o multilateralismo é bem articulado, ele cria a base para a colaboração e a cooperação. As empresas e os investidores sabem que, em um mundo complexo e interconectado, transações e colaborações equitativas são boas para a sustentabilidade de longo prazo. Em sociedades saudáveis, existe igualdade de oportunidades, a solidariedade prospera, a coesão social supera as contrapartidas e escolhas difíceis, os trabalhadores são mais felizes, nossos pares têm melhor educação e há igualdade entre os parceiros comerciais.

Qualquer reconceitualização do desenvolvimento humano que aborde a coesão na sociedade, as relações entre países ou entre gerações, ou as relações com naturezas e ecologias não-humanas é ameaçada por um mundo brutalmente desigual e pelas narrativas e processos que perpetuam tais desigualdades. Aumentar a coesão social, mitigar desigualdades e restaurar o valor das relações sociais é uma jornada que requer a inclusão de múltiplas vozes e perspectivas. Isso exige que enfrentemos seriamente as condições

estruturais e a violência que criam e perpetuam as desigualdades — e que as experiências e prioridades dos mais marginalizados sejam ouvidas e incluídas.

Portanto, o repensar do desenvolvimento humano deve ser uma jornada aberta para todos, para além de governos, agências, especialistas e acadêmicos. Isso leva ao imperativo para a deliberação democrática.

2.6. A deliberação democrática é necessária para sistemas socioecológicos resilientes

Enquadramos nossa jornada como o reconhecimento e a apreciação de narrativas múltiplas e mutáveis — e, precisamente por essa razão, o repensar do desenvolvimento humano precisa ser um processo aberto e multidimensional em direção a novos contratos sociais baseados no pensamento renovado do desenvolvimento humano. Muitos colaboradores apontaram para a importância de imaginar essa jornada não apenas como uma tarefa para especialistas, ainda que a gama de especialidades apresentada seja muito mais ampla do que tradicionalmente tem sido o caso. Os cidadãos, incluindo aqueles que vivem em condições de vulnerabilidade, marginalização e pobreza de todos os países, devem ser consultados e ter a oportunidade de participar. A jornada deve refletir as vozes dos jovens de todo o planeta, pois as perspectivas do que é uma vida plena mudaram substancialmente. Embora saibamos que as cidades foram centros de atração e destinos escolhidos por muitas pessoas no passado como um meio de prosperar, os jovens ou as gerações futuras podem em breve ter outros tipos de aspirações — opções abertas pela tecnologia, nas quais a localização se torna menos relevante. Talvez, apenas talvez, a vida plena passe por tornar outros planetas habitáveis. Talvez a vida plena seja a defesa das tradições e das culturas autóctones como um meio de conquistar uma vida melhor e mais significativa. O progresso pode significar ter uma relação mais íntima com a natureza e uns com os outros.

É difícil definir o significado, o valor e a satisfação com a vida depois que as necessidades básicas são atendidas, pois se trata de um terreno vasto, repleto de escolhas diversas. A verdade é que nós não sabemos quem tem uma vida melhor do que a nossa, seja quem for “nós”. Esse conhecimento não é uma certeza de que precisamos para repensar o significado do desenvolvimento humano. O que precisamos nesta jornada é ouvir todas as vozes, reconhecer nossos próprios valores e posições com humildade. Algo igualmente importante é evitar que as definições ou pontos de vista dominantes enquadrem ou definam os termos do debate — ou, pior, encerrem o debate. Se desenvolvimento é liberdade, a deliberação democrática (local, nacional e transnacional)

é o meio de conquistarmos esse objetivo. Isso não significa sempre e necessariamente “democracia” da forma como ela é definida de acordo com instituições e práticas representativas formais e particulares, ou tradições políticas e históricas. Enquanto alguns lamentam a crise da democracia no sentido liberal, ocidental e convencional, há também muitos processos democráticos informais e participativos emergindo no mundo todo, nos quais os cidadãos reivindicam inclusão nas decisões que afetam suas vidas.

Escutar todas as vozes também é fundamental para a eventual eficácia de políticas e medidas específicas. Conforme destacado por muitos colaboradores, o desenvolvimento humano acontece não pela observação, mas pela participação. Adesão, aceitação, confiança no governo, superação das dúvidas e medos do outro — tudo é possível quando as pessoas se sentem parte da jornada, e não objetos para os quais uma jornada está predefinida. Essa escuta pode ser feita com as metodologias participativas disponíveis, que avançaram substancialmente desde que o relatório *Vozes dos Pobres* foi publicado pelo Banco Mundial há mais de 25 anos. As tecnologias digitais abrem novas possibilidades de interação com as pessoas. Eles fornecem plataformas para o surgimento de novas coalizões e para que resultados mais impactantes se espalhem rapidamente pelo mundo.

Há um significado mais profundo para o papel da democracia deliberativa daqui para frente. A deliberação democrática também é crucial para evitar que o autoritarismo prejudique ainda mais a liberdade das pessoas. As sociedades democráticas exigem que os indivíduos tenham livre arbítrio, autonomia, valores e direitos que têm precedência. Autoritarismos de todos os tipos ameaçam os direitos humanos básicos de todos — que são inegociáveis. A má informação e a desinformação, ambas muito mais fáceis no mundo tecnológico, também dificultam e enfraquecem os processos democráticos deliberativos.

Algumas partes do mundo já sofrem com formas violentas e brutais de autoritarismo. Em outros lugares, estreitos interesses econômicos e a concentração do poder econômico e político impulsionam formas de autoritarismo que destroem a tessitura social dos países, alimentadas muitas vezes pelo racismo e pelo ódio. Muitas pessoas podem ter pensado que as democracias ocidentais eram estáveis e estavam relativamente protegidas contra o autoritarismo e o nacionalismo que ameaçam hoje as antigas sociedades liberais orientadas para o Estado de bem-estar social, mesmo no norte da Europa. Precisamos entender melhor as forças que impulsionam essa nova onda de autoritarismo e nacionalismo para desenvolver caminhos para um futuro mais sustentável.

Aqui, vemos claramente como as tecnologias digitais são facas de dois gumes que podem ser manejadas para tornar o mundo pior, em vez de melhor. É fundamental compreender e

responder às poderosas oportunidades e desafios que a revolução digital representa para a ciência e a sociedade, especialmente em uma era de ruptura e desinformação.

Além disso, o amplo repensar de nossa humanidade por e para todos os membros da humanidade em processos democráticos legítimos é a chave para gerar o consenso e as instituições capazes de fazer o difícil trabalho de mover o planeta para um sistema socioecológico estável. As medidas para um futuro socioecológico resiliente e para transformações socioecológicas positivas, que assegurem o desenvolvimento humano, só podem ser vislumbradas e implementadas com sucesso se houver um consenso amplo e legítimo, possibilitado por instituições e práticas democráticas que funcionem bem em todas as escalas. A conexão entre as pessoas, as sociedades e o planeta — e a crescente importância de muitas outras interdependências globais que surgiram nas últimas três décadas — exigem culturas de cooperação global e estruturas de governança global que permitam a deliberação democrática transnacional.

2.7. Como fazer a Era Digital colaborar para o desenvolvimento humano

Um dos requisitos para o desenvolvimento humano é a democratização das tecnologias digitais para gerar inovação para fins públicos e para servir à nossa humanidade. O domínio de algumas empresas privadas na esfera digital, impulsionado por ganhos de mercado competitivo de curto prazo, continua operando em um vácuo de governança, na ausência de regulamentação pública e privada adequada. Essas empresas possuem métodos e ferramentas, podem pagar pela computação de alto desempenho, possuem instalações de armazenamento de dados e podem adquirir talentos. Além disso, essas poucas empresas privadas possuem perfis próprios de nosso comportamento atual e futuro, graças à nossa ingenuidade no uso da Internet, incluindo as redes sociais. O Big Data se tornou a riqueza mais cobiçada — e, assim como os combustíveis fósseis, levou a grandes avanços, mas também a grandes danos, o que gerou a necessidade de abordar essas questões de uma forma que transcenda as fronteiras nacionais.

A ameaça da automação para tarefas de média e baixa habilidade já é uma realidade. As tarefas realizadas por administradores, advogados, contadores ou vendedores estão tão ameaçadas quanto as dos trabalhadores de fábricas ou fazendas. Em períodos anteriores de transformação tecnológica, o ritmo da mudança era acompanhado de forma desigual por ajustes regulatórios e governamentais. Atualmente, a inovação em tecnologia está muito à frente da inovação em governança. Ao repensar o desenvolvimento humano, muitos contribuintes apontaram que muitos países já enfrentam o desafio de ter um grande

número de jovens instruídos que não conseguem encontrar seu lugar na sociedade. Há um número crescente de indivíduos que estão se tornando redundantes para uma economia global que é alimentada por uma noção distorcida de valor que leva em conta apenas os lucros, e não o bem-estar das pessoas e do planeta. Algumas grandes corporações, com ativos maiores do que países inteiros, implementam tecnologias digitais de forma descontrolada. Devido a isso, milhões de pessoas correm o risco de se tornar redundantes e ser subjugadas de novas maneiras. Essas tecnologias não apenas têm um enorme impacto sobre os poderes dos governos, dando a eles um potencial sem precedentes de vigilância e controle, mas também estimulam o aumento da polarização social e a divulgação de notícias falsas que enfraquecem a ciência e aumentam o consumismo. Por outro lado, as tecnologias digitais oferecem capacidades únicas para mover o mundo na direção oposta: democracias melhores, cooperação transnacional, maior proteção climática, melhores evidências para a tomada de decisões ou maior inteligência coletiva, entre outros. As tecnologias digitais precisam ser regulamentadas, legisladas, submetidas aos direitos humanos e aos princípios éticos. Seus proprietários e usuários devem ser responsabilizados e seu potencial deve ser aproveitado para o bem comum. Este é o desafio: aproveitar a inovação e usar as tecnologias para promover o desenvolvimento humano.

A transparência sem precedentes proporcionada pelas tecnologias digitais pode nos levar a entender cadeias de abastecimento complexas e a uma contabilidade completa dos custos sociais e ambientais de produtos e serviços. As tecnologias digitais podem ser usadas não para vigilância e controle, mas para estimular e recompensar a solidariedade e o comportamento ambientalmente sustentável. Podemos medir a energia e a água que consumimos; podemos implantar a robótica e usar a aprendizagem de máquina para otimizar a produção agrícola e minimizar a poluição e o esgotamento dos solos. As enormes quantidades de dados que já temos podem ser uma fonte de valor para reinventar comunidades e garantir que os benefícios sejam compartilhados. Quando devidamente regulamentadas, as tecnologias digitais podem levar a novas oportunidades de trabalho, novas fontes de valor e novas condições para um maior bem-estar.

No entanto, precisamos nos empenhar em direção a cadeias de valor justas e sustentáveis para os componentes das tecnologias, e precisamos preencher as enormes lacunas de técnica e conhecimento. Para muitas pessoas, até mesmo o acesso à Internet é um desafio; as tecnologias digitais e os recursos para criá-las, usá-las e implantá-las ainda são limitados. No entanto, os investimentos e a inovação, impulsionados por uma nova concepção de valor, podem colocar as tecnologias a serviço do desenvolvimento humano.

2.8. Valor: uma nova narrativa

No cerne do desenvolvimento humano, há um conjunto central de valores moldados contextualmente — princípios éticos básicos que estimulam e direcionam a jornada. Os criadores da ideia de desenvolvimento humano sabiam bem o papel fundamental da ética e dos valores contextualmente aceitos nos processos de mudança. O desenvolvimento humano sempre foi um conceito normativo. O núcleo normativo permanece: em qualquer formulação que recebemos dos contribuintes — a abordagem de capacidades, desenvolvimento como liberdade, bem-estar físico e mental, necessidades humanas básicas, entre outros —, há um núcleo ético, uma noção integrada de valor que sustenta sua concepção do desenvolvimento humano. Os valores também são essenciais para que possamos ultrapassar o eu individual e chegar às necessidades da coletividade, e para reforçar a necessidade de valorizar o futuro, o ambiente natural e outros seres vivos. A coesão social e a cultura de cooperação e resolução conjunta de problemas surgem de valores compartilhados.

Quando o crescimento do PIB e a estabilidade macroeconômica são considerados os principais sinais de desenvolvimento, eles são frequentemente apresentados como conceitos livres de valor, que são desejáveis por causa de sua eficiência para gerar outros resultados positivos. No entanto, o PIB é usado como um substituto para qualquer coisa valiosa, ao mesmo tempo em que é apresentado como uma medida desprovida de qualquer contexto normativo. Esta contradição é um verdadeiro truque. Na verdade, muitos contribuintes afirmaram que nossas economias e as soluções de políticas públicas são distorcidas contra o desenvolvimento humano, precisamente por causa da maneira como tendemos a entender “valor” — damos um papel central ao crescimento do PIB e subtraímos o futuro e qualquer dano social e ambiental. Essa visão equivocada de valor, que considera as atividades prejudiciais às pessoas e ao meio ambiente como criadoras de valor, também não leva em conta o verdadeiro valor dos serviços sociais, dos mecanismos de proteção social ou dos bens públicos.

Do ponto de vista empresarial, a falha ao calcular os custos da destruição social e ambiental impede que a sustentabilidade seja lucrativa. Além disso, leva a uma perspectiva estritamente definida de inovação, que valoriza apenas a inovação impulsionada pelo mercado que leva ao lucro privado, enquanto descarta a inovação pública e social. Essa visão distorcida de valor torna-se ainda mais poderosa com o uso de ferramentas digitais, que permitem a dataficação de tudo.

A agregação, a quantificação e a dataficação de todos os aspectos da vida humana ocultam o verdadeiro valor do bem-estar humano e dos bens e serviços públicos que nutrem o bem-estar e o valor para as gerações futuras. Essa visão distorcida também esconde nossas dimensões internas, nossa psique e emoções, o sofrimento dos pobres e marginalizados, e classifica os valores cognitivos de eficiência e eficácia acima dos valores éticos de justiça, equidade e justiça.

Uma jornada de narrativas múltiplas e em constante mudança requer novos significados, um discurso cuidadosamente negociado sobre o que é valioso ou não. Isso não significa que todos nós precisamos concordar em uma única ética, nem elimina a diversidade e a pluralidade — o reconhecimento do desenvolvimento como a liberdade de buscar vidas que as pessoas tenham razão para valorizar, sejam elas quem forem, apreciando o fato de que elas podem ser diferentes. No entanto, acima dos valores diversos, posicionados e localizados, devem estar o reconhecimento de nossa humanidade compartilhada, nossos objetivos comuns e nosso domínio compartilhado dos elementos que permitem que nossa humanidade prospere. Esse reconhecimento do núcleo normativo do desenvolvimento humano também diz respeito à humildade que emerge quando contemplamos as estrelas e o mundo ao nosso redor. Trata-se também do orgulho que surge em buscar um futuro melhor, pautado pela solidariedade.

Uma nova narrativa de valor é possível graças aos enormes avanços na ciência e tecnologia — graças a elas, a escalabilidade de maneiras inovadoras de atender às nossas necessidades básicas dentro dos limites planetários não só é mais possível, como também é mais barata do que há 30 anos. Precisamos apenas colocar a tecnologia para trabalhar para o bem comum, e precisamos da ciência que a sustenta.

2.9. O papel do conhecimento científico

Em relação ao desenvolvimento humano, a ciência deve ser conceituada de forma ampla para incluir não apenas as ciências naturais, da saúde e técnicas, mas também o conhecimento das ciências sociais, das artes e das ciências humanas. Para que um projeto de desenvolvimento global renovado funcione, precisamos aprender a reajustar e reequilibrar as interações entre os três sistemas principais que moldam nossa civilização: os sistemas humanos, o sistema terrestre e os sistemas tecnológicos e de infraestrutura. A ciência não está bem preparada para isso. Ainda há muito pouca cooperação entre as

ciências naturais e sociais, entre as ciências humanas e as ciências médicas, e todas essas ciências não interagem adequadamente com os campos da tecnologia e da engenharia. Para tornar a lacuna ainda mais complexa, as barreiras institucionais e as diferentes lógicas de pesquisa e inovação públicas e privadas se tornam uma barreira para progredir nesse diálogo tão necessário.

O diálogo também é mais amplo do que as ciências tradicionais e as áreas do conhecimento ensinadas nas universidades. O repensar do desenvolvimento humano deve incluir o respeito pelo conhecimento autóctone e tácito, pela importância do conhecimento e experiência prática ou não técnica, e pela relevância do conhecimento fora das organizações científicas (da sociedade civil, comunidades, trabalhadores, agricultores ou grupos locais e autóctones). Encontrar o equilíbrio certo e os meios para acolher e incluir toda uma ampla gama de conhecimentos (no plural) continua sendo uma prioridade na jornada para repensar o desenvolvimento humano. Afinal de contas, o enquadramento de narrativas múltiplas e mutáveis sobre o desenvolvimento humano requer flexibilidade cognitiva.

As oportunidades estão disponíveis. Robótica, sensores, Internet das Coisas, interconectividade global, computação de alto desempenho e avanços nos métodos de software e inteligência artificial nos fornecem uma base de conhecimento de enorme potencial. Já temos uma abundância de dados sobre a Terra e os sistemas sociais e as ferramentas necessárias para integrar esses dados para obter insights exclusivos sobre o presente e o futuro. Podemos simular o funcionamento do sistema climático e já criamos um gêmeo digital do coração humano; podemos até tentar simular potenciais caminhos de desenvolvimento humano. No entanto, esses campos precisam amadurecer e avançar levando em consideração suas dimensões sociais e humanas, e os cientistas de dados devem trabalhar em equipes com filósofos e sociólogos. Sem essas perspectivas científicas, não podemos entender o que impulsiona a saúde do planeta nem as formas de conter uma epidemia.

Devemos também ordenar as grandes quantidades de dados que o mundo já possui, garantir o acesso a tais dados, identificar as lacunas e usar os dados de acordo com os valores que orientam o desenvolvimento humano. Pode haver grande quantidade de dados sobre o comportamento humano, mas muitas vezes essas informações pertencem a alguns agentes privados que já estão investindo em comportamento futuros, como uma moeda do mercado de ações. Claramente, essa abundância de dados é combustível para a inteligência coletiva, se for colocada em uso para o bem público. Nossa jornada pode ser

esclarecida e melhor conduzida se formos capazes de proteger a independência da ciência, criar sistemas eficazes de aconselhamento científico e garantir que a ciência seja um bem público e que os dados se tornem comuns.

Contudo, como acontece com qualquer outro objetivo normativo, a descoberta do significado do desenvolvimento humano exige que sejamos humildes diante de escolhas que não fazem parte do escopo nem da ciência, nem da política. Nossa jornada deve respeitar a privacidade de nossa vida interna ao mesmo tempo em que cria as condições que permitem nossa autossuficiência. O conhecimento científico também precisa reconhecer os insights críticos de agentes de fora da academia — o conhecimento prático acumulado pela indústria ou por comunidades de ação, como aquelas que emergem da transformação das práticas agrícolas para novas realidades climáticas. Entretanto, todos esses diferentes conhecimentos, métodos, ferramentas e realizações de engenharia muitas vezes não se conectam, como navios que passam à noite. A interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade são essenciais, mas permanecem distantes.

Para assegurar que nossa jornada seja conduzida pela ciência, precisamos de mais e melhores ciências. Isso exige transpor as enormes divisões e desigualdades de conhecimento que ainda caracterizam o mundo. Antes de mais nada, precisamos investir na fonte mais importante de riqueza de um país: seu povo.

3. Considerações finais

Neste texto de enquadramento, o termo “jornada” transmite o modo como este projeto escutou as vozes de algumas pessoas à medida em que elas próprias repensavam o desenvolvimento humano. Caracterizamos também uma das descobertas mais importantes como uma jornada por si mesma. O repensar do desenvolvimento humano precisa ser uma jornada aberta e inclusiva de busca de narrativas múltiplas e mutáveis — mas, para nós, essa jornada de exploração e descobertas não termina agora.

Esta fase do projeto do PNUD e do CIC deu início a uma discussão muito rica que continuará em várias plataformas. As atividades futuras no âmbito desta parceria em curso terão como objetivo suscitar narrativas e perspectivas adicionais, instalando processos para um diálogo aberto, inclusivo e contínuo e explorando o futuro das medições de desenvolvimento humano com base nas aprendizagens conceituais recolhidas a partir desta discussão.